

**EFEITOS DE ESTILO E DE HUMOR:
PERSPECTIVA CONTRA-CANÔNICA DO DISCURSO ACADÊMICO-
FILOSÓFICO NA ESCRITA DE JOHN AUSTIN**

*Style and Humor Effects:
A Counter-Canonical Perspective of John Austin Academic Discourse*

Dina Maria MARTINS FERREIRA

Universidade Estadual do Ceará

dinaferreira@terra.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-2585-497>

João Batista Costa GONÇALVES

Universidade Estadual do Ceará

joao.goncalves@uece.br

<https://orcid.org/0000-0002-4386-8809>

Marcos Roberto dos Santos AMARAL

Universidade Estadual do Ceará

roberto.amaral@aluno.uece.br

<https://orcid.org/0000-0001-8130-4580>

RESUMO: O discurso de Austin (1990), com orientações antianalíticas da Filosofia da Linguagem Ordinária, organiza-se pela problematização do humor e do estilo, marcado pela situação concreta de uso, o qual é dialogicamente responsivo. Definindo os conceitos de estilo, humor e responsividade, conforme Bakhtin (2015; 2011; 1978) e Volóchinov (2017), discutimos sobre a forma como Austin se desloca do cânone acadêmico. Destacamos a possibilidade de que a performance discursivo-teórico-conceitual desconstrutora austiniana é uma forma de problematizar os *modus operandi* conservadores que encarceram a produção científica e filosófica a procedimentos higienizados da linguagem ordinária. **PALAVRAS-CHAVE:** Efeitos perlocucionais; Estilo; Humor; Responsividade.

ABSTRACT: Austin's (1990) discourse, with anti-analytical orientations of the Ordinary Language Philosophy, is organized by the problematization of humor and style, marked by the concrete situation of use, which is dialogically responsive. Defining the concepts of style, humor and responsiveness, according to Bakhtin (2015; 2011; 1978) and Volóchinov (2017), we discuss how Austin moves away from the academic canon. We highlight the possibility that the deconstructive Austinian

discursive-theoretical-conceptual performance is a way of problematizing the conservative *modus operandi* that imprisoned scientific and philosophical production to sanitized procedures of ordinary language.

KEYWORDS: Humor; Perlocutional effects; Responsiveness; Style.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A partir do advento da modernidade, via de regra, caracterizada como racionalista, positivista e liberal, o cientista é, especialmente, constrangido a assumir uma postura asséptica no que toca às práticas ordinárias e/ou às não validadas pela comunidade acadêmica tradicional/oficial. Nesse sentido, a prática acadêmica que se valha de procedimentos retóricos familiares à linguagem cotidiana é tida como, no mínimo, esdrúxula para o cânone científico-filosófico tradicional. A Filosofia da Linguagem Ordinária¹, segundo Rajagopalan (2010a), na contramão desse ‘senso comum’ acadêmico recentra os questionamentos filosóficos a partir do reconhecimento de que a linguagem comum nem é imprópria para o trabalho com conceitos, nem deve ser desconsiderada no que toca a suas particularidades para os questionamentos filosóficos. Rajagopalan (2010a, p. 19) observa que a importância filosófica de conferir um lugar de honra à linguagem ordinária é um gesto que “desmascara o próprio empreendimento da filosofia ou um modo tradicionalmente respeitável de fazer filosofia [...] alheio ao mundo prosaico da realidade cotidiana”. Bakhtin, Volóchinov e Austin são pensadores que endossam as preocupações da Filosofia da Linguagem Ordinária. A relação entre ideologias² do cotidiano e ideologias sistematizadas, oficiais, estabelece-se de maneira interconstitutiva, visto que, de acordo com Volóchinov (2017, p. 213),

¹ A partir de Rajagopalan (2010b), pode-se caracterizar a Filosofia da Linguagem Ordinária por se contrapor à posição de que os estudos filosóficos da linguagem devem apoiar-se em exemplos logicamente ideais para desenvolver seus estudos. Assim, a Filosofia da Linguagem Ordinária enfatiza a importância de examinar a linguagem do dia a dia, com seus usos ambivalentes e contra-canônicos.

² Miotello (2014, p. 176) sintetiza da seguinte forma o entendimento de ideologia segundo a perspectiva dialógica de análise do discurso: “a ideologia é o sistema sempre atual de representação da sociedade e de mundo construído a partir das referências construídas nas interações sociais e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados”. Concentramos nesta compreensão de ideologia a partir dos pensadores da Análise Dialógica do Discurso, Bakhtin, Volóchinov, Medvedev, especialmente, já que nos valem de categorias e conceitos desta perspectiva em nossa análise.

Os sistemas ideológicos formados - a moral social, a ciência, a arte e a religião - cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, por sua vez, exercem sobre ela uma forte influência inversa, costumam dar o tom a essa ideologia do cotidiano. Todavia, mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos formados constantemente preservam a mais viva ligação orgânica com a ideologia do cotidiano, nutrem-se da sua seiva e fora dela estão mortos.

É importante notar que, por estar mais sensível às mais íntimas mudanças dos modos de produção material das práticas sociais, a ideologia do cotidiano particulariza-se por estar criativamente responsável “pelas transformações parciais ou radicais dos sistemas ideológicos” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 215), conforme esteja em fronteira tanto com as ideologias oficiais, que a submetem a sua influência e a fazem assimilar parcialmente as suas sedimentadas práticas materiais e simbólicas, quanto com forças sociais ainda em estágio embrionário, por assim dizer, que repercutem as transformações das condições objetivas de produção das relações sociais com mais rapidez e clareza. Em suma, de acordo com Yaguello (*apud* BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 16) (grifo no original), “a ‘ideologia do cotidiano’, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas”. Nesse sentido, Morson e Emerson (2008, p. 13) definem a perspectiva dialógica a partir da pressuposição da importância do cotidiano, do comum, ordinário, do “prosaico” para a organização das práticas discursivas. Os autores destacam que Bakhtin está, definitivamente, interessado em investigar maneiras mais cotidianas de imaginar outras pessoas, entendendo que “um modelo de linguagem nada é, a não ser que possa ajudar-nos a apreciar a desdenhada riqueza, complexidade e força das trocas mais íntimas e triviais” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 52). Reconhece-se, portanto, a produtiva textura da vida prosaica, que, em uma obra, condiciona desde sua linguagem, seus “instrumentos, até as camadas complexas de significados” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 53). Tal textura são “poderosas correntes profundas da cultura (especialmente as ditas inferiores, populares), o que determina efetivamente a criatividade dos escritores (citações de resposta de Bakhtin a uma pergunta do Departamento Editorial do *NovyiNir*)” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 53).

Austin, no mesmo tom, reage ao entendimento de que as palavras seriam apenas formas falhas de incorporar conceitos, como estabelece a tradição analítica desde suas origens clássicas, desviando a atenção do foco na linguagem como forma de nomeação do real existente previamente, para o na linguagem como forma de ação constitutiva dessa realidade. Com essa orientação, Rajagopalan (2010a) destaca que o testemunho mais significativo da vitalidade da filosofia da linguagem ordinária seriam as noções de

performatividade e performance.

Nesse sentido, este trabalho pretende analisar de que modo o discurso austiniano em *How to do things with words*³ performatiza um gesto contra-hegemônico de desconstrução do fazer acadêmico, ancorado em efeitos de sentido decorrentes de usos não-oficiais do estilo e do humor no texto acadêmico, impregnados de coloquialidade. Por exemplo, quando Austin (1990, p. 110), na décima conferência, qualifica seu método de “traíçoeiro”, enunciando tal qualidade de maneira informal e bem-humorada com a expressão modalizadora “na melhor das hipóteses”. Tais atos, com efeito, não se pautam na ideia de literalidade, objetividade e clareza assumida como cânone da produção acadêmica ortodoxa.

Para tanto, compreendemos o texto austiniano como um enunciado responsivo, que emerge por entre diversas relações dialógicas, que indiciam visões de mundo inscritas no ato discursivo, comprometendo-se com determinadas posições axiológicas, por um lado, e, por outro, antagonizando com outras em uma tensão entre modos de fazer científico-filosófico tradicionais, positivistas e analíticos, e críticos da linguagem.

Pretendemos, dessa forma, observar que Austin performatiza seu discurso em função da familiaridade que este tem com expedientes informais, como a maneira despojada de arquitetar seu estilo, humor, a qual assume atitudes responsivas a perspectivas críticas do *establishment* clássico.

LINGUAGEM: PERFORMATIVIDADE E DESCONSTRUÇÃO

Rajagopalan (2010a) destaca que Austin tematiza, especialmente no seu livro *Sense and sensibilia*, o problema da percepção determinando os dados sensoriais, cujas consequências práticas fazem frente à crença platônica realista de que a realidade existe independentemente da forma como se pode apreendê-la. Assim, o autor observa que, com a obra *How to do things with words*, Austin critica uma pretensa cisão entre o objeto de estudo e o meio de estudá-lo (RAJAGOPALAN, 2010a). A discussão de que a ação sobre dado objeto é dimensionada como uma forma de constituição deste próprio objeto é discutida considerando-se que o proferimento (enunciado) é compreendido, antes que como uma forma de retratamento de uma realidade, como uma forma de (des) construção dessa (suposta) realidade, a partir do diálogo que projeta, com uma postura contra-canônica do discurso acadêmico.

Ao abordar a questão de como fazer coisas com as palavras, explica Rajagopalan (2010c), Austin mira as palavras em sua materialidade e historicidade, isto é, não são

aspectos secundários de conceitos abstratos. Elas não são, com efeito, apenas meios transparentes de acesso à realidade. Rajagopalan (2010c, p. 252) assevera que “a linguagem não é mais um simples instrumento, mas um fenômeno poderoso em si, alheio à vontade humana e, frequentemente, às suas intenções (e pretensões) conscientes”.

A performatividade, segundo Rajagopalan (2016, p. 86), consiste em que “dizer é um fazer por excelência”. Ou seja, enunciados a serem proferidos, por diversos acidentes históricos, assumem propósitos de, além de descrever os estados de coisas, sobretudo, de influenciar como se organizam “as coisas” (ações, crenças, valores, etc.) nesse estado. Por isso, Rajagopalan (2010c, p. 86) destaca que “a nossa fala a fazer tudo isso tem o poder de efetivamente intervir no mundo transformando-o”. A performatividade delinea-se enquanto repetição de atos discursivos e sociais que naturaliza determinada prática ou a problematiza. É importante notar que na performatividade, a presença constitutiva de proferimentos em práticas sociais pode ser camuflada, de forma que sua enunciação organize-se como se fosse a constatação de uma realidade a ser representada. É inclusive sobre essa consciência da irredutível performatividade do mundo que Rajagopalan (2016, p. 89) cita Norris (1988) quando trata do caráter desconstrucionista da performatividade como um caminho para a loucura. Assim, reconhecer que nenhum conceito de explicação do mundo é seguro, sempre está envolto de atos que, por um lado, os legitimam e, por outro, expurgam tantas formas de explicar este mesmo mundo.

Essa “loucura” da performatividade dá-se, sobretudo, porque ela descortina o enunciado de alguma solidez fundada em noções de veracidade externa à sua produção, sempre históricas e, por isso mesmo, contraditórias e em fluxo de relativas estabilidades e criativas instabilidades. Rajagopalan (2016, p. 90) (grifo no original), a este respeito, enfatiza que “Nossa tradição filosófica [e, em grande parte, não filosófica, diríamos] se encontra alicerçada sobre a crença de que há verdade, independentemente da nossa capacidade/possibilidade de conhecê-la ou até mesmo de *reconhecê-la*”.

Enfim, ainda usando as palavras de Rajagopalan (2016, p. 93), performatividade pode ser entendida pela “Insistência por parte de Austin de que, ao falar, estamos engajados em ações transformadoras que visam efetuar mudanças no mundo ao invés de simplesmente descrevê-lo”.

Desconstrução

A perspectiva discursiva de Austin significa, segundo Rajagopalan (2010c, p. 144), “entre outras coisas, que em vez de tentar chegar à suposta essência dos significados que o autor tinha em mente, (tenha procurado) [deve-se] examinar as características textuais da escrita de Austin”. Tal colocação ratifica que o estudo da obra austiniana não pode ser compreendida independente da forma como seu discurso é construído, porquanto “a maneira como a mensagem é transmitida é parte essencial dela” (RAJAGOPALAN, 2010c, p. 166).

Vamos nos deter em dois aspectos do discurso austiniano: humor e estilo, na medida em que são elementos que atendem a uma proposta desconstrucionista do método acadêmico ‘clássico’, cuja inteligibilidade provém de construções discursivas pretendidas descritivas, claras e lineares. Sabe-se que o método acadêmico clássico pode ser sintetizado por quatro regras do método científico cartesiano: o da evidência; o da divisão ou análise; o da ordem ou dedução; e o da enumeração ou classificação⁴. A desconstrução do discurso austiniano estaria para além de possibilidades analíticas condicionadas pelo método científico/filosófico, por se estabelecer pela problematização do humor e do estilo, os quais deslocam o sentido de conceitos acadêmicos para a ‘maneira de significá-los’, singularmente, dentro de contraditórios debates sobre qual a forma apropriada de se fazer tal produção, e não para a ‘essência constativa de suas verdades’. E a lupa analítica percorre a estrada da desconstrução:

A desconstrução não pode limitar-se ou passar imediatamente para uma neutralização: deve, através de um gesto duplo, uma dupla ciência, uma dupla escrita, praticar uma *reviravolta* da oposição clássica e um *deslocamento* geral do sistema. É só nesta condição que a desconstrução terá os meios de intervir no campo das oposições que critica e que é também um campo de forças não-discursivas. Cada conceito, por outro lado, pertence a uma cadeia sistemática e constitui ele próprio um sistema de predicados. [...] A desconstrução não consiste em passar de um conceito para outro, mas em modificar e em deslocar uma ordem conceitual assim como a ordem não-conceitual a qual se articula (DERRIDA, 1991, p. 372) (grifos no original).

Com efeito, Derrida (1991) destaca que cada relação de sentido sobre dada particularidade de uma realidade é constituída por meio da associação com diversas cadeias de sentido contraditórias que a tematizam. Assim, a desconstrução estaria orientada para a rearticulação dessas cadeias significativas que abordam essa realidade (e não a

substituição de uma ordem por outra). Inclusive, o discurso austiniano não se pretende a fundamentar significados literais, pois não são estes seus elementos determinantes (ou mesmo possíveis), até porque se inscreve em uma cadeia em diálogo de predicados caracterizada por conceitos que tematizam a não transparência entre proposição e sentido, ou seja, estabelece-se na medida em que legitima aqueles mesmos elementos (ordem não conceitual) que ‘sobraram’ quando da consagração dos conceitos escolhidos para o cânone. É importante dizer, ainda, que esta (re-)legitimação não ‘demoniza’ os conceitos canônicos; o discurso filosófico constitui-se também de suas especificidades discursivas acadêmicas, até porque a manutenção desta relação entre canônico e não-canônico é o que propicia a possibilidade de “intervenção efetiva no campo histórico constituído” (DERRIDA, 1991, p. 372).

DIALOGISMO: RESPONSABILIDADE, ESTILO E HUMOR

O dialogismo consiste em organizações discursivas, inscritas em uma mesma enunciação, singularizadas pela recombinação de posições axiológicas de um produtor na voz de outro. Segundo Bakhtin (2015, p. 256), é como se a voz do outro cochichasse no ouvido do falante suas próprias palavras com acentos deslocados, seria “uma resultante combinação singularmente original de palavras e vozes orientadas para diferentes fins numa mesma fala”. Assim, o dialogismo define-se pela busca do sujeito de “encontrar sua voz e orientá-la entre outras vozes, combiná-la com umas, contrapô-la a outras ou separar a sua voz da outra à qual se funde imperceptivelmente” (BAKHTIN, 2015, p. 277), em estar voltado para fora, dirigir-se intensamente “a si, a um outro, a um terceiro” (BAKHTIN, 2015, p. 292). Enfim, o dialogismo “reside na reação do outro, na palavra do outro, na resposta do outro” (BAKHTIN, 2015, p. 245-246), cujo procedimento básico é o de fazer reconhecer quem fala “a si, a sua ideia, a sua própria palavra, a sua orientação, o seu gesto em outra pessoa, na qual todas essas manifestações mudam seu sentido integral e definitivo” (BAKHTIN, 2015, p. 249).

Responsividade

Bakhtin (2015, p. 105) explica que o discurso está orientado “por entre enunciações e linguagens alheias e todos os fenômenos e possibilidades específicas ligados a ele”. O discurso está impregnado de vários “momentos, intenções e acentos alheios” (BAKHTIN, 2015, p. 104). Esta noção está fundamentada em uma concepção de linguagem que subjaz

aos estudos bakhtinianos delineada pela consideração da especificidade ideológica da linguagem. Nesse sentido, tal concepção recobre as particularidades de criação, circulação e disputa de sentidos que se estabilizam socialmente e se especificam conforme as singularidades das práticas sociais. Estas práticas estão relacionadas à sua forma real de uso, isto é, o discurso, o qual compreende a língua quando utilizada em uma situação concreta, situada historicamente, envolvendo sujeitos sociais e posições ideológicas (VOLOCHÍNOV, 2017).

Um fundamental aspecto da vida do discurso que torna a linguagem um fenômeno concreto e ideológico é sua natureza dialógica, que pressupõe a presença de posições axiológicas contraditórias articulando-se em um mesmo enunciado. Assim, é que essa concepção de linguagem implica, em sua constituição, a atividade autoral de diversos sujeitos históricos em contradição. Em estando a linguagem relacionada a usos situados, isto é, respondendo concretamente a dado contexto sócio-discursivo, ela carrega-se de posições axiológicas e, portanto, reverbera e institui contradições históricas, no sentido de que deflagra e constrange diversas posições sociais, cujo cruzamento se constitui tensamente, ou seja, como arena de lutas ideológicas. O discurso seria compreendido enquanto “lugar de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, [...] de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados” (BRAIT, 2014, p. 28).

O discurso implica usos em diversas formas de interação, sendo, por isso, constituído por heterogêneas acentuações que legitimam bem como marginalizam sentidos e visões de mundo. Daí que se destaca que é uma prática social orientada por lutas sociais e simbólicas e que se define enquanto tensão contínua entre fluxos sociais contraditórios. Nesse sentido, Bakhtin (2011) compreende as práticas discursivas enquanto interações concretas articuladas de forma complexa e ambivalente, cuja particularidade é ter seus enunciados organizados em função da tensão com enunciados alheios. É por isso que

[Considera-se o fato de que] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o início, às vezes literalmente a partir da primeira fala do falante [...]. O ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2011, p. 271).

De fato, a alternância entre sujeitos sempre em posição autoral e orientação para atitudes responsivas especificam as interações discursivas. Por conseguinte,

Revista X, v. 15, n. 3, p. 6-26, 2020.

a particularidade fundante dessas interações está orientada para uma alteridade responsivamente ativa:

Um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural, pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários, os adversários, e inimigos, o subordinado, o chefe, um inferior, um superior, uma pessoa íntima, um estranho, etc.; ele também pode ser um outro totalmente indefinido, não concretizado (em toda sorte de enunciados monológicos de tipo emocional). Todas essas modalidades e concepções do destinatário são determinadas pelo campo da atividade humana e da vida a que tal enunciado se refere. A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado - disto dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado (BAKHTIN, 2011, p. 301).

Enfim, uma preconcepção de quem seja o destinatário determina as formas da interação discursiva, na medida em que “a escolha de todos os recursos linguísticos é feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário e da sua resposta antecipada” (BAKHTIN, 2011, p. 306). Uma vez que o discurso austiniano em *How to do things with words* explora efeitos de sentido através de seu humor e estilo, a orientação dialógica é importante, uma vez que estes se organizam segundo respostas que problematizam diversas posições sociais consagradas e emergentes.

Estilo

Segundo Brait (2014, p. 98), estilo, na perspectiva bakhtiniana, “implica sujeitos que instauram discursos a partir de seus enunciados concretos, de suas formas de enunciação, que fazem história e são a ela submetidos”. Estilo, portanto, não se resume em questões de autenticidade individual ou de escola, ou de características de algum conjunto de textos; estilo, efetivamente, é uma construção dialógica e, portanto, ideológica, implicando posições axiológicas particulares de horizontes sociais históricos. Sob esta orientação, segundo Silva (2013, p. 59), “o estilo comporta algo que é do homem, marcado por sua posição social, histórica e ideológica. Marcado, mas não aprisionado, esse homem fala trazendo em seu discurso as vozes dos outros, mas articulando essas vozes de maneira única”. Volochinov/Bakhtin (s/d, p. 16) destaca que o estilo é “mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte - o

participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa”. Logo, um estilo não é um produto individual, mas um processo histórico. Enfim, Bakhtin (2011) explica que estilo implica seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, associado a condições específicas e as finalidades de determinado campo social para a construção dos gêneros discursivos.

Humor

Conforme Rajagopalan (2010c) e Bakhtin (1987), o humor se manifesta de acordo com: (1) seu viés de ‘superioridade’ por dominar um saber ou se associar a determinado comportamento tido como ideal, assim, podendo-se depreciar atos ‘inferiores’; (2) seu viés de identificação de dada incoerência, incongruência, de frustração de expectativas propostas; e (3) o seu viés de remoção de tensões sociais, sob as quais alguma censura é burlada. No entanto, o humor é pouco discutido sob o viés cômico popular do riso, estudo que o pensador russo empreende.

O riso cômico popular, de acordo com Bakhtin (1987), singulariza-se por ser popular e universal, ou seja, não é o ato de um que ri do outro, mas um ato de todos que riem de si, na medida em que estes se compreendem incompletos, não perfeitos e participantes do jogo, em constante evolução, do que se ri. Este riso nega e afirma, ambivalentemente, as contradições do objeto de riso, para ‘regenerá-las’. Este riso é um gesto de desestabilização de uma posição hierárquica em função de sua regeneração subversiva de relações de dominância, marcadas, por exemplo, em tabus e privilégios sociais. Dentro do viés cômico popular, o humor estaria orientado para a cosmovisão carnavalesca. Segundo Bakhtin (2015, p. 148), pode-se dizer que há duas vidas opostas: uma, “oficial, monoliticamente séria, sombria, subordinada à rigorosa ordem hierárquica, impregnada de medo, dogmatismo, devoção e piedade”; e outra, “livre, cheia de riso ambivalente, profanações de tudo que é sagrado, descidas e indecências do contato familiar com tudo e com todos”.

O humor, enquanto riso leve, alegre e festivo, se estrutura como um contraponto de uma atitude reguladora que estabelece práticas normais, permitindo a problematização do valor positivo de seus desvios. E, podemos afirmar que o humor austiniano é um ato de contestação ao cânone oficial e, ao mesmo tempo, uma proposição de renovação de fazer ciência e que a forma de fazê-lo se dá pelo humor, alegre e risonho.

Enfim, a partir de Bakhtin (2015, p. 122-123), pode-se considerar que a dimensão cômico-popular do riso delineia-se em três peculiaridades, a saber: segundo um ponto de

vista que representa o mundo na sua contemporaneidade em contraposição ao ponto de vista que o representa na distância da idealidade (por exemplo, o ortodoxo acadêmico, que a exemplo da filosofia da linguagem tradicional, expulsa a vida cotidiana de suas nobres preocupações); segundo uma postura baseada na experimentação temática, estilística e composicional, característica dos gêneros discursivos carnavalizados⁵, em contraposição à necessidade de respeito rigoroso a formas canônicas; e segundo a assimilação de formas heterodiscursivas.

O discurso austiniano, com efeito, faz rir, quando diz enunciando diversas misturas estilísticas extravagantes, tais formas coloquiais características da linguagem oral não acadêmica ou quando mistura de composições típicas de gêneros não acadêmicos (por exemplo, piada ou livro de autoajuda - considere-se a tradução livre do título: *Como fazer coisas com palavras*) com os imperativos de objetividade da linguagem acadêmica escrita.

DIÁLOGOS DE/COM AUSTIN

Pragmática hoje

De acordo com Rajagopalan (2014, p. 13), “a pragmática de hoje tem um caráter nitidamente anticartesiano e antiplatônico”. Essa postura delineia-se, dentre outras formas, pela crítica à compreensão de que a realidade existe independente da forma situada de conhecê-la. Os estudos dialógicos fundam-se em uma crítica ao objetivismo abstrato e subjetivismo idealista (VOLÓCHINOV, 2017). Tanto uma vertente quanto outra, a seu modo, problematizam o quadro geral de racionalidade que funda conceitos como “intenção”, “significado” e “referência”.

Nos estudos críticos da linguagem, a tese de que a linguagem é designativa é rejeitada em favor da tese de que a linguagem é ação no mundo, pois se critica “que construtos como significado, intenção e contexto sejam entidades teóricas *a priori*, bem delimitadas e circunscritas, as quais o/a pragmatista irá meramente descobrir ou verificar na interação” (SILVA; ALENCAR; MARTINS FERREIRA, 2014, p. 27). Dessa

⁵ Estes se definem por relações de sentido orientadas para as quatro categorias carnavalescas (o livre contato familiar entre as pessoas, a excentricidade, as *mésalliances* e a profanação), tematizando os estados inerentes de mutabilidade das práticas sociais e existência humana e o riso ritualístico primitivo (riso alegre). Enfim, a carnavalização é uma espécie de princípio heurístico que permite a descoberta do novo criativo, ao evidenciar a relatividade de tudo que é apresentado e pretendido como estável, acabado e absoluto (BAKHTIN, 2015, p. 192).

forma, o conhecimento do homem apresenta-se linguisticamente mediado, já que este está situado nos processos de interação, considerados na relação entre conhecimento e ação, linguagem e *práxis* humana (OLIVEIRA, 2001). Assim, podem-se compreender as práticas discursivas enquanto proposições performativas que têm o “propósito, no todo ou em parte, de manifestar emoção ou prescrever comportamento, ou influenciá-lo de modo especial” (AUSTIN, 1990, p. 22-23). A compreensão das práticas discursivas, de fato, é sempre “ativa e responsiva” (BAKHTIN, 2015; 2011; 1978; VOLÓCHINOV, 2017; VOLOCHINOV⁶/BAKHTIN, s/d).

Responsividade e perlocução

Os sentidos, produzidos e circulados pelo homem nas suas formas particulares de práticas de produção material e semiótica, são constituídos dialogicamente em um processo contínuo que envolve, ao mesmo tempo e no mesmo espaço, ação do homem que constitui conhecimento sobre o mundo e a recíproca ação deste conhecimento (vivo, humanizado) que, por sua vez, também constitui o homem. Por serem dialogicamente orientados, os sentidos constituem-se socialmente respondendo aos índices de valor de cada horizonte social marcado pelas particularidades de esferas discursivas específicas. A relação entre homem, mundo e relações e efeitos de sentido estabelece-se a partir de diversos rearranjos sucessivos e conflituosos de vivências coletivas, pois as práticas discursivas se estabelecem em contato com as bases socioeconômicas e simbólicas, ou seja, com os diversos modos e lugares de produção cultural do homem. A partir destes meios, os sentidos serão axiologizados conforme as vicissitudes de horizontes sociais singulares. E uma particularidade do enunciado concreto é constituir-se dialogicamente, tornando-se duplamente orientado, uma vez que, nele, “as relações lógicas ou as concreto-semânticas [...] convertem-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem” (BAKHTIN, 2015, p. 209).

Austin (1990) põe em perspectiva o entendimento de uma sentença como se fosse apenas uma unidade linguística, da mesma forma que o de uma declaração seria o uso desta sentença para afirmar ou negar algo, podendo ser falsa ou verdadeira. Por sua vez, o proferimento seria a emissão concreta e particular daquela sentença, em uma situação e por um falante determinado, de sorte que diversos efeitos de sentido são disseminados entre os sujeitos em interação. Austin destaca que “não é correto realmente

⁶ Notamos que as divergências entre a grafia do nome de Voloshinov/Volochínov/Volóchinov dá-se em função de se respeitar a forma como ela aparece nas bibliografias consultadas.

dizer que uma sentença seja uma declaração; na realidade ela é usada para fazer uma declaração”⁷ (Conferência I, p. 21) e que “há tradicionalmente, além das declarações (dos gramáticos), perguntas e exclamações, e sentenças que expressam ordens, desejos ou concessões” (Conferência I, p. 21), além de que “passou-se geralmente a considerar que muitos proferimentos que parecem declarações não têm, ou têm apenas em parte, o propósito de registrar ou transmitir informação direta acerca dos fatos” (Conferência I, p. 22). Essas questões são pensadas para colocar em evidência a “virada performativa”, segundo a qual reconhece-se o propósito do proferimento de, em algum grau, influenciar “comportamentos” de modo especial. Estes são usados para indicar, e não apenas, para relatar, as circunstâncias em que a declaração foi feita, as restrições às quais está sujeita ou a maneira como deve ser recebida, enfim, causam efeitos nos sujeitos engajados na interação.

Austin faz uma “tentativa de considerar os sentidos em que dizer algo é fazer algo” (Conferência X, p. 103). Para tal distingue o ato locucionário, que tem um significado; o ato ilocucionário, que tem uma certa força ao dizer algo; e o ato perlocucionário, que consiste em se obter determinados efeitos por se dizer algo. Entende por efeito três sentidos “representados por elementos como assegurar a apreensão, ter um resultado e demandar respostas” (Conferência X, p. 103). E atos perlocucionários e ilocucionários como atos que “podem ser realizados de maneira não verbal”, sendo que os primeiros “não são convencionais” e os outros “são convencionais” (Conferência X, p. 103).

Podemos, então, relacionar a responsividade bakhtiniana, que pressupõe a presença constitutiva da ‘voz’ do outro na produção e recepção do enunciado, com o ato perlocucional austiniano, cujo ato de fala usa ‘voz’ para gerar efeitos de sentidos, uma vez que tanto a responsividade quanto o ato perlocucional implica efeitos possíveis de serem causados no outro com quem se engaja em uma situação de proferimento de enunciados e com a força ilocucionária de um falante, que pretende orientar (perlocução) determinada ação do ouvinte. Assim, é possível tomar a responsividade e a perlocução enquanto forma de disputas e acordos entre o que deve ser dito, sua forma de dizer e os efeitos de sentidos que podem ser convencionalizados e deslocados. Com esse viés, podemos compreender melhor o que dizem Austin (1990) ao questionar que quando se diz se faz algo e Volóchinov (2017) ao discutir que todo discurso é um discurso sobre ele mesmo em busca da voz do outro.

⁷ As citações que compõem este trabalho são da referência Austin (1990). Vamos indicá-las com o número da conferência a que ela pertence e o de sua página. Não se fará uso da forma em inglês, do original, devido à restrição ao número de páginas e palavras.

ANÁLISE DIALÓGICA DE *HOW TO DO THINGS WITH WORDS*

Estilo

Nas conferências de *How to do things with words*, Austin trata da confusão que há entre tomar-se constatação veriditativa genericamente como declaração. Para tal, contrasta o performativo com declarações factuais, como tentativa de resolução da falácia descritiva/constatativa - “a maior e mais saudável revolução da história da filosofia” (Conferência I, p. 23). Por conseguinte, revisa a metodologia abstrato-antitética da retórica acadêmica clássica, subvertendo toda uma arquitetura instrumental baseada em oposições dualistas excludentes. Dá a entender o autor que, partindo de uma irreduzível fundamental particularidade do fenômeno da linguagem, a saber, que apenas o uso ordinário possibilita o sentido, pode-se compreender apropriadamente os problemas deste e da própria linguagem, da mesma forma que resolver grandes problemas da filosofia.

Chama a atenção o método/estilo de Austin nas conferências por apresentar um estilo que se distancia da tradicional dissertação acadêmica, sobremaneira, porque, em lugar de apresentar uma lógica como a da clássica tese-antítese-síntese, apresenta uma série de questões, em cujas sugestões de encaminhamentos, apresentam-se propostas de classificação, para, logo, desfazê-las e se apresentar outra classificação que tem o mesmo destino.

Assim é que a oposição entre constatativo e performativo é ressignificada, para, em seguida, ser reagrupada e dividida em atos locucionário, ilocucionário e perlocucionário, classificação que, outrossim, não resiste aos problemas levantados nas primeiras sete conferências que levam às últimas consequências o ataque à classificação “performativo”, ao fim do que ela não resiste em sua ‘pureza’; inclusive, nas demais conferências polemiza a classificação “locucionário, ilocucionário e perlocucionário”, de modo a reconhecer sua fragilidade em nome da complexidade do uso. Tudo isto pode causar estranheza pensando na expectativa por estilo e respostas seguras que a retórica tradicional acadêmica encena.

No entanto, devemos entender que mais que apresentar um quadro que dê conta de todas as possibilidades de quando dizer é fazer algo na linguagem, o que Austin propõe é uma crítica de problemas/distinções/definições - e inúmeros testes - que devem ser levantados caso queiramos saber de como a linguagem é usada realmente e quais os problemas entre a relação entre língua, sentido e uso. Talvez por isso Austin constantemente escolha comentar com o leitor informalmente, e ‘intencionalmente’, sobre os pontos cegos de ‘sua’ perspectiva, por exemplo, quando diz que um método perfeito perderia

a complexidade do fenômeno (Conferência III, p. 43), ou quando não quer um método muito técnico (Conferência IV, p. 52), já que os limites e a definição de qualquer método são sempre vagos (Conferência III, p. 42), não sendo, pois, preferível uma classificação rigorosa. De fato, Austin segreda que pode parecer que está desdizendo o que disse por toda hora, nas conferências. Isto, com efeito, é um recurso estilístico que demonstra que a complexidade do fenômeno da linguagem não pode ser apropriada devidamente pelos métodos analítico-formalistas.

Este estilo de estar a fazer e desfazer suas conclusões segue um caminho crítico, de sorte que o diálogo entre tudo que é dito e desdito denunciaria a desdita dos próprios métodos e conclusões universalistas e abstratas. Este desdizer por se organizar metodologicamente por propostas de soluções logo desconsideradas em nome de outras propostas, sem se chegar a uma proposta definitiva indicia justamente a perspectiva contra-canônica do discurso acadêmico austiniano, a qual se fundamenta especialmente pelos efeitos de estilo e humor. Desse modo, os efeitos de estilo encenam que a prática acadêmica sempre opta por uma forma que consagra como ideal (preterindo, assim, outras); e os de humor, que se ri da inescapável condição de falta de um estado de referência absoluto do qual se possa partir ou chegar para constatar definitivamente dada verdade.

Humor

O primeiro enunciado de *How to do things with words* de Austin é um alegre gracejo - o que não quer dizer que se faça dispensável, por ser meramente gracejo, para o estabelecimento de uma interpretação e comentário sobre sua força acadêmica -: “o que tenho a dizer não é difícil, nem polêmico. O único mérito que gostaria de reivindicar para esta exposição é o fato de ser verdadeira pelo menos em parte” (conferência I, p. 21). Nesta performance humorística, que destrona o caráter de verdade e de trabalho rigoroso das práticas acadêmicas, Austin realiza seu projeto filosófico de descentrar os modos clássicos engessados de fazer filosofia, e observa que “se alguém quiser considerá-la [a filosofia que Austin propõe] a maior e mais saudável das revoluções da história da filosofia, não será, se pensarmos bem nisso, um exagero” (conferência I, p. 23). Em uma atitude de impulso marcadamente antirretórico, o autor se vale de um estilo irreverente justamente para problematizar a lógica aristotélica da justa medida que exclui o humor como forma respeitável para altos discursos. Em outros termos, Austin rebaixa o discurso acadêmico, postulando que seu projeto é o de não se apegar a programas preestabelecidos e rigidamente acabados como uma forma desestabilizadora da ordem vigente de se falar

cientificamente, inclusive, diz, provocativa e alegremente, que não “gosta” nem da orientação positivista de apresentar fórmulas prontas, nem de dar conferências. Veja-se: “Nestas conferências fiz duas coisas que não gosto muito de fazer, e que são: (1) apresentar um programa, isto é, dizer o que deveria ser feito ao invés de fazê-lo, (2) dar conferências” (Conferência XII, p. 132). A crítica vale mais pela piada (discurso sobre o discurso/performance) que pelo conteúdo (discurso propriamente dito/constatação).

De fato, esta é a tendência do humor de Austin em suas conferências, ou melhor, dar corpo a uma nova prática discursiva, para uma nova epistemologia, pois apenas a crítica feita nos moldes estilísticos clássicos (negação de proposição errada e afirmação de uma certa) seria simplesmente uma redefinição do princípio fundante centralizador da tradição - e que não possibilitaria a desconstrução. Na verdade, o esvaziamento do ponto de vista lógico de falar/escrever de forma séria (impossibilidade de verificação de uma verdade absoluta), não só desconstrói a lógica positivista, como também desconstrói a própria possibilidade dela mesma. Em outras palavras, caso Austin se valesse das formas de discurso consagradas pela filosofia ‘séria’, sua performance apenas realocaria os fundamentos da lógica tradicional de ter um centro absoluto a partir do qual todo desdobramento teórico se orienta. Haveria, portanto, apenas uma ressignificação do centro axiológico fundante das posições clássicas, preservando-se, assim, a lógica antitética, dualista, universalista, e, por isso mesmo, estigmatizadora. Isto, porque,

A análise conceitual através da lógica binária é exatamente o que a tradição metafísica nos ensinou a fazer. Compreender um conceito significa dividi-lo de referência em dois. A forma ideal de desmembrar um conceito em duas partes é concentrando-se em apenas um dos supostos conceitos resultantes, relegando o outro à categoria de ‘qualquer coisa que não satisfaça à primeira definição’. O método contamina o resultado, ou seja, o subgrupo resultante de uma definição independente e positiva é automaticamente promovido a uma categoria privilegiada, ao contrário do subgrupo, que é constituído, na verdade, através da exclusão (RAJAGOPALAN, 2010c, p. 163) (grifos do original).

Certamente, por mais que se queira o humor como uma forma inferior de raciocínio, “humor e seriedade são formas ambivalentes estruturais que se interconstituem” (RAJAGOPALAN, 2010, p. 165). “O fato é que o mesmo gesto de ironia teatral, ou ‘incongruência apropriada’ ou *oxýmoron* se percebe no gesto fundador da filosofia ocidental”, afirma Rajagopalan (2010c, p. 165) (grifos do original). E “humor e seriedade caminham lado a lado; o humor é a face oculta da seriedade e vice-versa”

(RAJAGOPALAN, 2010c, p. 165). Austin, de fato, descentra o ‘centro sério’ fundante no que ele tinha por inabalável, a sua forma - clara e objetiva. Sem esta, o conteúdo que vinha sendo ressignificado, mas sempre preservado enquanto centro axiológico irreduzível, não resiste, já que o estilo humorístico é um estilo por definição descentralizador, ambivalente, cuja estruturação se dá pela apropriação de alegres desvios do padrão oficial. O humor nas conferências austinianas, antes de ser acessório, é um dos principais recursos retóricos para encenar a crítica da tradição de pensamento ocidental metafísico e analítico, por desconstruir a lógica da seriedade da fala como único expediente para corroborar a seriedade do conteúdo. Para a tradição, sem aquela esta é impossibilitada.

A propósito, segundo Rajagopalan (2010c, p. 167), em sua análise, o “principal fetiche que Austin em seu *How to do things with words* se propôs a desconstruir foi a oposição clássica entre o discurso cômico e o sério”. Daí que, nas conferências, os exemplos que Austin dá “serão decepcionantes” (Conferência I, p. 24). A piada vaza a relação atenuadora da gravidade do discurso em uma palestra (o que para a forma clássica seria aceitável) - para uma subversão da relação forma/conteúdo clássica. Para Austin, não importa se o conteúdo falhe, por isso que a decepção não é para seu projeto, mas para o da tradição (o que para a forma clássica seria inaceitável).

Na verdade, a necessidade de conteúdos sérios e verificáveis, como o cânone prevê, é esvaziada, e o que fica é o estilo contundente, o humor constitutivo do descentramento no discurso austiniano. Nada passa incólume ao humor alegre e subversivo: nem os critérios de categorização - “mas deve-se proferir ‘performativo’ por ser mais curto, menos feio” (Conferência I, p. 25); nem a imagem do objetivismo científico - “armamo-nos, ao que parece, com dois novos e brilhantes conceitos com os quais podemos romper o berço da Realidade, ou, quiçá, da Confusão” (Conferência III, p. 38) (destaque-se os usos poéticos da personificação do que seria tão-somente um estado de coisa e de espírito, juntamente com o uso poético das maiúsculas); nem a imagem do filósofo, que é, efetivamente carnavalizada - “devemos evitar a todo custo a simplificação excessiva, que poderia ser considerada a doença profissional dos filósofos se não fosse ela própria sua profissão” (Conferência III, p. 46); nem a imagem do cientificismo - “por que usar essa expressão em vez de 1.000? Primeiro, porque impressiona mais e parece mais científica” (Conferência XII, p. 122-123); nem a do método - “só levarei os leitores para uma voltinha, ou melhor, para alguns tropeços” (Conferência XII, p. 123); nem a da terminologia “comportamentais (um horror este neologismo!)” (Conferência XII, p. 123). Nem mesmo do próprio jogo filosófico/científico, em uma de suas últimas tiradas, Austin diz/performatiza - “é claro que tudo isso é um tanto cansativo e árido para se ouvir e assimilar; mas não tanto quanto

o foi conceber e redigir a teoria” (Conferência XII, p. 132).

Ora, são essas concepção e redação, as quais decorrem de escolhas estilísticas que, segundo Bakhtin (2011), respondem a diversas posições sociais (no caso, afirmativamente às que problematizam as formas de organização discursiva das práticas acadêmicas e negativamente às que não as problematizam), que constituem a perspectiva humorística desta obra, haja vista tão-somente porque seu proferimento se funda na cosmovisão cômica popular como meio de intervir contra um método conservador de análise distante das complexidades da vida concreta, que não escapa das vicissitudes da vida ordinária (que, pode-se dizer, não se expurga das suas contradições, e se ri delas, cômico-popularmente, isto é, no sentido de que todos riem juntos, não indiciando que um está certo e se pode ridicularizar de outro errado).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa análise do discurso de Austin em *How to do things with words* percebemos que cada uma das características estudadas está orientada para a problematização de preceitos clássicos que fundamentam o discurso acadêmico como os de literalidade, de objetividade, de clareza. O humor subverte a lógica tradicional de que, para discursos ditos sérios, seu tom deve adequar-se à sua gravidade; e o estilo antes que permitir o fechamento do conteúdo, como uma construção abstrata, perene, abre-o para possibilidades contingentes às particularidades de cada situação de fala. Estes elementos deslocam a ordem conceitual acadêmica hegemônica como um todo, promovendo uma outra ‘lógica’ de ordenação do discurso que não se queira ‘representante’ do logocentrismo clássico.

Assim, a tessitura do discurso austiniano não apenas passa de uma ordem para outra, no caso, da clássica para a desconstrucionista, como também o humor e o estilo deslocam tanto a ordem clássica quanto à pós-moderna no sentido de operar atos comprometidos com a diferença, com todo o resto que qualquer lógica conservadora defere, assim respondendo a posições axiológicas que problematizam a tradição racionalista do fazer acadêmico. Portanto, o que chamamos de humor e estilo do discurso de Austin em *How to do things with words* são marcas, familiares a produções coloquiais, performances que evocam, problematizam e deslocam redes conceituais de predicados postulados historicamente sobre sua constituição e seu valor (seriedade, opacidade, literalidade, objetividade, heterogeneidade), no que eles têm de ambivalência de sentido.

Daí considerarmos que o discurso austiniano é um ato responsivo orientado “por entre enunciações e linguagens alheias e todos os fenômenos e possibilidades específicas

ligados a ele” (BAKHTIN, 2015, p. 105), por exemplo, tanto a selecionar recursos discursivos que indiciam condições específicas do campo social (BAKHTIN, 2011), no caso, o acadêmico, que enfatiza a necessidade de renovação das suas práticas, inclusive, as discursivas; quanto a explorar efeitos de humor, através do riso cômico-popular (BAKHTIN, 1987) que, como vimos, nega e afirma, ambivalentemente, as contradições do mundo acadêmico, para ‘regenerá-las’ em função da superação, no caso do discurso austiniano, de *modus operandi* engessados que mais se afastam da vida concreta do que se familiarizam com ela.

Desta forma, é depreendida do discurso austiniano uma proposição de que a atividade acadêmica se desenvolve por relações cuja inteligibilidade responde para além do seu conceito ‘denotativo’ (literalidade, objetividade, clareza, linearidade, gravidade), ao seu conceito performático, a maneira de dizer e fazer, sempre, em consonância com a situação concreta em que ela se (re-) inscreve. Este movimento não apenas substitui um conceito por outro, como também rearticula toda a lógica sob a qual o discurso acadêmico e seus conceitos consagrados se estruturam. Tal ato propositivo constitui-se pela desconstrução do cânone tradicional acadêmico através do jogo dialógico com efeitos de sentido decorrentes do humor e do estilo (não somente, os efeitos de sentido de referência a significados estáveis, incontestáveis).

Enfim, podemos ‘dizer/fazer/responder’ – e ‘responder’ inclui nossas prerrogativas bakhtinianas – que a desconstrução austiniana consiste em deslocar o conceito de discurso acadêmico como produção eminentemente positivista, constativa, em oposição a produções performativas, cujo jogo se faz, sobretudo (embora não se queira aceitar), pela ‘confusão’ entre atitudes constativas e performativas. O discurso de Austin se constitui de expedientes informais⁸, cuja prática refrata tensas escolhas, inclusive de ordem humorística, a fim de renovar dialógica e criticamente perspectivas do *stablishment* clássico da escrita acadêmica e filosófica.

⁸ Deve-se notar que estes expedientes muito se explicam pelo fato de *How to do things with words* ter sido construído a partir de conferências apresentadas oralmente e depois (o que não faz com que se percam, ou não sejam exploradas, as qualidades da oralidade) organizadas de maneira escrita (o que caracteriza, no mesmo sentido, as marcas de humor e de estilo discutidas aqui).

REFERÊNCIAS:

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Trad. Danilo Marcondes Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6ª ed. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC/Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.

BRAIT, B. *Estilo*. In: _____. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 79-102.

DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*. In: _____. *Limited Inc.* Trad. Constança César. Campinas: Papirus, 1991. p. 349-373.

DESCARTES, R. *Discurso do método*. Para bem conduzir a própria razão e procurar a Verdade nas Ciências. Trad. Jacob Guinsburg e Bento Prado Jr. Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2014/02/descartes-discurso-do-mc3a9todo-trad-jacc3b3-guinsburg-e-bento-prado-jr-com-notas-de-gerard-lebrun-publicac3a7c3a3o-autorizada-pelos-detentores-dos-direitos.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

MIOTELLO, V. *Ideologia*. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 167-176.

MORSON, G.; EMERSON, C. *Bakhtin: criação de uma prosaística*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.

OLIVEIRA, M. A. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.

RAJAGOPALAN, K. A dimensão crítica da teoria dos atos de fala. In: ____; FERREIRA, R. *Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso*. Campinas: Pontes, 2016. p. 85-94.

RAJAGOPALAN, K. Prefácio. Da arrogância cartesiana à “nova pragmática”. In: SILVA, D. N.; FERREIRA, D. M. M; ALENCAR, C. N. (orgs.). *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 11-14.

RAJAGOPALAN, K. A nova pragmática, fases e feições de um fazer - relato de uma trajetória pessoal. In: _____. *Nova Pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola, 2010a. p. 7-19.

RAJAGOPALAN, K. Filosofia da linguagem ordinária. Breve histórico e influências atuais. In: _____. *Nova Pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola, 2010b. p. 21-29.

RAJAGOPALAN, K. O humor no discurso austiniano à luz da teoria da incongruência interpretada por Schrempp. In: _____. *Nova Pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola, 2010c. p. 143-167.

SILVA, D. N.; ALENCAR, C. N.; MARTINS FERREIRA, D. M. Introdução. Uma nova pragmática para antigos problemas. In: SILVA, D. N.; FERREIRA, D. M. M; ALENCAR, C. N. (orgs.). *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 15-39.

SILVA, A. P. P. F. Bakhtin. In: OLIVEIRA, L. A. (org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 45-69.

VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017.

VOLOSHINOV, V.; BAKHTIN, M. *Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica*. Tradução para uso didático feita por Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. [s.d.]

Recebido em: 12 set. 2019

Aceito em: 24 fev. 2020